

# O renascimento do Centro

JOSÉ CARLOS CORRÊA

O Centro de Vitória sempre me lembrou meu pai. Foi ali que ele nasceu, foi onde conseguiu o seu primeiro emprego (na Flor de Maio), foi onde participou da sua primeira luta política (o comício contra o governo de Washington Luiz, em frente ao Colégio do Carmo, dissolvido à força pelas tropas do Governo que, em seguida, empastelaram A GAZETA). Era para lá que ele me levava quando vínhamos a Vitória, pois ficávamos hospedados na casa onde morava a adorável família dos meus tios Anita e Silvestre, na Rua Pedro Palácios, em frente à Assembléia. Foi com ele que aprendi a amar essa cidade, a partir das belas luzes das casas e navios que via refletidas nas águas da baía quando o trem se aproximava da Estação Pedro Nolasco.

Essas lembranças sempre me vêm à cabeça quando passo pelo Centro e me deparo com sinais da sua decadência. A cada loja fechada, a cada prédio malcuidado, a cada repartição pública que se muda, meu coração dói um pouco. O fechamento da Mesbla, então, foi um golpe seco, pois não podia imaginar, até pouco tempo atrás, que um dia fosse acabar aquela que foi, por muitos anos, a melhor, a mais movimentada, a mais charmosa loja de Vitória.

Nos últimos dias, essas reflexões se tornaram ainda mais fortes, em razão do recente falecimento de meu pai. Juntaram-se a dor da perda com a tristeza da constatação de que o cenário de minhas recordações mais caras continuava seguindo no seu processo de desaparecimento. O Centro de Vitória é, para mim, como uma fotografia que, a cada dia que passa, fica mais desbotada. E eu me amarguro com isso.

Sempre me intrigou o envelhecimento dos centros de algumas de nossas grandes cidades. Digo algumas porque há muitas, principalmente fora do Brasil, que continuam a ter centros com grande atividade econômica, e que conservam, ao mesmo tempo, as suas características históricas. Exatamente em razão dessa comparação, nunca me conformei em que ver os centros do Rio e São Paulo perderem importância como de fato perderam. Quando esse processo chegou a Vitória, cheguei a pensar que se tratava de algo inexorável a que todas as cidades estavam condenadas e que não nos restava mais nada além de lamentar.

Mas eis que me vi na situação, há alguns dias atrás, de andar a pé pelo Centro. E o que vi? Vi monumentos recuperados, praças reconstruídas, escadarias novinhas em folha e uma moderna sinalização turística e de trânsito. Vi a nova iluminação, com

destaque especial para a Catedral, a Capela Santa Luzia e o Viaduto Caramuru. A Fafi nunca esteve tão bonita e tão cheia de eventos. O trânsito está mais organizado, com os semáforos sincronizados, a lombada eletrônica na Avenida Vitória, a criação de linhas de microônibus e a redistribuição dos pontos de ônibus.

Na Vila Rubim, além das obras de reconstrução dos galpões que foram destruídos no incêndio, de cinco anos atrás, percebi que o funcionamento do mercado está sendo reorganizado. A limpeza das peixarias dá gosto de ver. As normas para o funcionamento do comércio atacadista de pescado (que passou a funcionar à noite e de forma organizada) acabaram com o eterno mau-cheiro que existia no local. Soube que isso já representou um aumento substancial no volume comercializado e na renda dos profissionais que lá atuam. Posso apostar que, com a realização dos outros projetos, já em andamento, o Mercado da Vila Rubim passará, em breve, a figurar no roteiro turístico da cidade.

Áreas tradicionais do Centro, como a Ponte Seca, Morro do Moscoso, Santa Clara, Fonte Grande, Rua Sete, Morro da Capixaba, Esplanada Capixaba, Piedade e Forte São João, já receberam melhorias importantes. O Parque Moscoso, sabe-se, será totalmente restaurado, retornando à forma como era originalmente. Do que lá existe, hoje, só ficam a Escola Ernestina Pessoa (que está sendo adaptada para abrigar a Escola de Ciências) e a Concha Acústica que, construída na década de 50, há muito já virou um cartão postal da cidade.

Percebo, também, que as iniciativas na área cultural estão ocupando, cada vez mais, um espaço maior no Centro de Vitória. Além dos eventos e da escola profissional de teatro e dança da Fafi, o Centro mantém permanentemente abertas exposições em vários locais, entre os quais a antiga Capitania dos Portos.

Agora, acabo de saber, que a Daldato adquiriu o prédio da Mesbla, que o projeto do shopping finalmente está sendo liberado e que a Rua Duque de Caxias e a Avenida Jerônimo Monteiro serão remodelados pela Prefeitura. São notícias que reacendem a esperança de que o Centro esteja começando a reverter o processo que o ameaça.

Com tudo isso, aos poucos, começo a me convencer de que, graças à Prefeitura, o Centro de Vitória está assumindo um novo e importante papel. Certamente não será o mesmo que já desempenhou no passado. Mas, com certeza, a prefeitinha Lília Mello tem razão quando diz que será um papel igualmente essencial à vida de todos nós.

Graças à Prefeitura, o Centro de Vitória assume um importante e novo papel